

<b>LUX JORNAL</b> <b>Zero Hora – Porto Alegre - RS</b> <b>Publicado: 18/01/2001</b>	190		
		1355	1

## Achado pode mudar tese da origem de guaranis

Testes permitem afirmar que povo indígena habitava o Estado há 5 mil anos, 3 mil a mais do que se acreditava

FABIANA SPARREMBERGER  
Casa Zero Hora/Santa Maria

A origem dos índios guaranis no Rio Grande do Sul pode ser bem mais antiga do que contam os livros de História.

A conclusão é do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que recebeu, nesta semana, o resultado de testes que permitem afirmar que o povo viveu em solo gaúcho há cerca de 5 mil anos – pelo menos 3 mil anos a mais do que os registros aceitos até hoje.

O arqueólogo da UFSM André Soares afirma que a descoberta pode alterar as teorias que explicam a origem do povo indígena. O resultado permite concluir, segundo o pesquisador, que os guaranis que habitaram o Estado são os mais antigos do sul do país.

O registro aceito até então pelo meio científico considerava um achado na mesma região – a pesquisa, do professor José Joaquim Brochado, de 1984, apontou que os índios teriam vivido há 1,8 mil anos no Delta do Jacuí.

– A descoberta é instigante e vai gerar polêmica. Os guaranis conviveram muito tempo com grupos de caçadores coletores (povos primitivos que só se alimentavam da caça e de frutas). Até então, acreditava-se que não havia esse contato – exemplifica o professor.

As amostras de solo e de cerâmica que revelam a descoberta foram coletadas de março de 1999 a setembro do ano passado na área hoje alagada pela Usina Hidrelétrica de Dona Francisca, na região central do Estado.

O professor da UFSM Saul Milder, especialista em geoarqueologia, explica que todo o perfil do Rio Jacuí foi mapeado num período entre 11 mil anos e 960 anos atrás. Milder afirma que a pesquisa estaria correta porque considerou uma seqüência cronológica ampla e com controle rigoroso para chegar às conclusões.

– As datações são bastante antigas, porém coerentes dentro do contexto pesquisado. Será uma tarefa árdua explicar à comunidade científica uma data tão recuada para a cultura guarani, conhecida tradicionalmente – avalia.

Para Luiz Roberto Lopez, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e diretor do Memorial do Rio Grande do Sul, a descoberta traz revelações não só sobre os guaranis, mas sobre a presença do homem pré-histórico no Estado, que pode chegar, segundo pesquisadores, a 15 mil anos.

– É perfeitamente lógico e importante. A descoberta arqueológica não traz novidades só quanto à data da presença dos guaranis do Estado, que já é uma coisa esperada, mas sobre seu modo de vida – diz Lopez.

## AS CONCLUSÕES

- Os índios guaranis são apontados como povo horticultor, introdutores da prática da agricultura (plantavam mais de 50 gêneros de alimentos, entre eles 180 espécies de vegetais)
- Eles conviveram durante pelo menos 3 mil anos com caçadores coletores (povos primitivos que se alimentavam de caça e de frutas). Até então, acreditava-se que o contato praticamente inexistiu

<b>LUX JORNAL</b> <b>Zero Hora – Porto Alegre - RS</b> <b>Publicado: 18/01/2001</b>	190		
		1355	1

- O povo tinha uma organização complexa e em franca expansão. A cerâmica encontrada na lixeira da casa de roça poderia preparar até 300 litros de bebida, comprovando o tamanho da aldeia
- Os guaranis viviam quase 3 mil anos no mesmo lugar e, dessa forma, tinham um amplo manejo e aproveitamento dos recursos naturais. Os registros afirmam que o povo permanecia no mesmo local até cerca de 1,5 mil anos
- Os pesquisadores acreditam ser necessário repensar modelos e teorias sobre os guaranis. Para comprovar a descoberta, será estudada a possibilidade de troca de informações com grupos de pesquisas de outros Estados, principalmente com pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP)

#### O MÉTODO

- Para datar os achados, o Laboratório de Cristais e Vidros Iônicos da Universidade de São Paulo (USP) utiliza o método de termoluminescência ou luminescência ópticamente estimulada
- O processo permite a datação fazendo a medição da quantidade de luz emitida pela cerâmica após longo tempo sem exposição à luz solar ou aquecimento
- A argila contém íons que são estimulados quando submetidos ao calor
- Depois de muito tempo enterradas, as partículas são reativadas pelo calor de um forno para medir a quantidade de luz que emitem. Dessa forma, é possível saber o tempo em que o material permaneceu enterrado

*Fonte: arqueólogo André Soares*

### Material tem 5.421 anos, segundo apontou exame

Um dos testes do material recolhido do sítio arqueológico atualmente alagado pela Usina Hidrelétrica de Dona Francisca, na Região Central, apontou que o material teria 5.421 anos.

A análise e a datação da 10 amostras de solo e uma de cerâmica foram feitas pelo Laboratório de Cristais e Vidros Iônicos da Universidade de São Paulo (USP).

O método utilizado admite uma margem de erro de até 8% para mais ou para menos.

O material foi recolhido no sítio Wilmoth Ropke – como foi denominado pelos pesquisadores –, em Ibarama, pelos pesquisadores da UFSM e do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul.

A escavação envolveu uma área de 300 metros quadrados, a 1m20cm de profundidade. As amostras foram encontradas na casa de roça, onde os guaranis preparavam os alimentos.

Mais seis amostras serão enviadas à USP, em março.